

## Ação social através da música e dimensões sociológicas da aprendizagem musical no Projeto Social Ilha de Música

### Comunicação

*Anderson Henrique Araújo*

*Professor Departamento de Artes - UERN / Doutorando em C. Sociais - UFRN / Bolsista FAPERN  
andersonn.henrique.araujo@gmail.com*

*Erinaldo Silva*

*Professor Ilha de Música  
erinaldoedson@hotmail.com*

**Resumo:** Este trabalho é integrante de investigação em andamento desenvolvida na área de Ciências Sociais que visa estudar as atividades socioeducativas presentes no Projeto Ilha de Música. Especificamente, o presente apresenta as práticas do Projeto considerando as instabilidades, as transitoriedades e a Ação Social Através da Música. Como metodologia de produção de dados foi utilizada a entrevista com os coordenadores do Projeto e observações de campo entre os meses de fevereiro de 2022 e março de 2023. Para interpretação dos dados, utilizamos os seguintes conceitos: “pedaço” desenvolvido nas Ciências Sociais por Magnani (1996; 2003); as instabilidades estudadas por Magali Kleber (2014) como característica do ensino de Música em projetos sociais, e; Ação Social Através da Música desenvolvido por Geoffrey Baker (2021) para estudar o ensino de Música na América Latina. Como conclusão, apontamos que o Projeto Ilha de Música consegue promover a ampliação da convivência social, os estudantes passam a ocupar espaços de visibilidade promovido tanto pela aprendizagem de Música quanto pela performance.

**Palavras-chave:** Projetos Sociais, Sociologia da Educação Musical, Ação Social Através da Música.

### 1 Introdução

O Projeto Social Ilha de Música é uma Organização Não-Governamental situada na Comunidade da África, no Bairro da Redinha, Zona Norte da Cidade do Natal/RN. Foi fundado no ano de 2006 por um casal de músicos que se sensibilizaram com a situação das crianças e dos adolescentes da Comunidade em relação ao oferecimento de oportunidades culturais e formativas. Entre os anos de 2006 e 2023, o Projeto atendeu em torno de 8.000 crianças e adolescentes de 6 a 18 anos.

A Ilha, como é comumente chamada pelos seus frequentadores, promove o ensino de Música como expressão constituinte do ser humano, ou seja, inerente ao desenvolvimento que ocorre em processos socializadores. As aulas constituem uma possível alternativa de inserção profissional e colaboram para a ampliação de vivências em espaços culturais (FONTES JÚNIOR, 2018). São ofertadas oficinas de canto, violão, bateria, flauta, trombone, trompete, teoria musical, clarinete, saxofone, reforço escolar, educação ambiental, higiene pessoal e preventiva, assistência social e psicológica. Os alunos entre 8 e 12 anos também participam das aulas de musicalização infantil, no qual são ensinadas noções básicas de teoria, organologia, escuta, apreciação e experimentação musical.

As oficinas acontecem no turno matutino, período de contraturno da maior parte das escolas públicas do Bairro da Redinha. A partir das 8 horas é oferecido um café da manhã, meia hora depois são iniciadas as aulas que se estendem até as 11:30.

Os proponentes já trabalhavam com Música antes de fundarem o projeto. A professora Inês Latorraca é pianista e produtora cultural, o maestro Gilberto Cabral é um reconhecido produtor, professor de instrumentos de sopro, regente de orquestra, arranjador musical, trombonista da Orquestra Sinfônica do RN, além de participar de outros grupos musicais. Nesse sentido, Inês e Gilberto possuem um amplo trânsito no cenário musical potiguar, o que, de certa forma, facilitou o acesso deles às pessoas que se tornaram colaboradoras no Projeto.

Os idealizadores da Ilha são moradores de um bairro vizinho à Redinha. Apesar dessa aproximação geográfica, eles desconheciam a existência da Comunidade da África. Durante o ano de 2006, em uma conversa com os comerciantes de seu bairro, o casal tomou conhecimento de alguns pequenos furtos nos bares e restaurantes. Os proprietários desses comércios compartilharam com Inês e com Gilberto que esses furtos eram provavelmente cometidos por pessoas provenientes de “uma tal de África”.

Para Inês e Gilberto, descobrir a Comunidade da África foi também se deparar com um mundo novo de dificuldades sociais e de possibilidade musicais que estavam geograficamente próximas. Foi assim que eles decidiram conversar com os proprietários de estabelecimentos comerciais da Comunidade, e, com os profissionais dos equipamentos sociais do bairro como CRAS e a Unidade Básica de Saúde, UBS. Essa investigação preliminar

os levou a constatação de que havia muitas crianças sem ocupação, algumas delas desistentes nas escolas. O relato que mais nos chamou a atenção foi relacionado ao funcionamento de uma delegacia feminina que existia na Comunidade da África e como algumas crianças e adolescentes eram alimentados pelas sobras das quentinhas distribuídas pelas detentas.

O galpão escolhido para instalar a primeira sede do Projeto ficava vizinho a essa delegacia, a ideia dos fundadores da Ilha era que as crianças fossem para o projeto se alimentarem ao invés de irem pedir quentinhas às detentas. A Ilha ofereceu um lanche para as crianças e a partir de um diálogo, Gilberto e Inês mostraram os instrumentos musicais, incentivando-as a permanecerem no Projeto.

Os coordenadores mobilizaram as suas redes de contato, os amigos músicos dos proponentes doaram e cederam instrumentos musicais, muitas vezes usados, para serem utilizados nas oficinas. Até o sétimo ano de projeto não havia remuneração para os professores. Durante esse período, apenas a cozinheira, a secretária e o pessoal de apoio que atuava pontualmente na montagem dos palcos eram remunerados. Contudo, sem uma fonte de financiamento regular, até essas remunerações não eram certas e dependiam de doações que se realizavam através de constantes campanhas encampadas pelos coordenadores.

Sobre esse período, Inês Latorraca fez o seguinte relato:

Cada ano aparecia um amigo que podia doar um pouco do seu tempo e ser instrutor. Às vezes a gente consegue algum patrocínio e consegue remunerar um professor. Outras vezes, vem voluntariamente. A gente tem vivido muito com doações de amigos e também pessoas que a gente nem conhece, mas que através de campanhas que são realizadas as pessoas começam a doar. Todo final de ano, a gente quase sempre lança uma campanha para pelo menos a gente conseguir chegar até certo ponto do outro ano (Inês Latorraca, entrevista em 23/02/2022).

Como destacado na citação anterior, houve o acionamento da rede de contatos para o desenvolvimento das atividades. Tal mobilização ocorreu em torno da figura dos coordenadores e de seus atributos (musicais e carismáticos) que são enfatizados como habilidades a serem ensinadas às crianças.

As oficinas são realizadas em consonância com o ensaio da Orquestra da Ilha de Música. O grupo congrega alunos e alunas que desejam aprimorar os seus conhecimentos, e a participação é aberta a todas as pessoas que frequentam as aulas. Não há nenhum tipo de



seleção para o ingresso na Orquestra, os arranjos musicais são elaborados para abarcar os diferentes níveis de aprendizagem dos alunos. Por exemplo, se em um semestre o naipe de flautas é composto por iniciantes e o de trombones por alunos mais avançados, o maestro Gilberto Cabral elabora um arranjo musical que considera esses diferentes níveis, fazendo com que todos os alunos participem.

A Orquestra se mantém em atividade desde os primeiros anos do projeto, contudo, ela modificou-se com o passar do tempo e agregou um número maior de naipes a sua formação. Durante o ano de 2022 e o primeiro semestre de 2023, a Orquestra foi constituída dos seguintes naipes: flauta doce, clarinete, saxofone, violão, trombone, trompete, bateria e percussão.

A partir de março de 2020, as aulas presenciais do Projeto foram suspensas devido ao distanciamento social imposto durante a Pandemia de Covid-19. No segundo semestre, foi realizada uma abordagem metodológica no qual os professores gravavam e enviavam aulas para crianças que estavam em instituições sociais, como as casas abrigo e o Centro de Referência da Assistência Social, CRAS, situados no bairro. Dessa forma, a ONG teve que ampliar sua rede de vínculos com as demais instituições socioassistenciais inseridas no bairro, fortaleceu a rede de atendimento às crianças, ao mesmo tempo em que necessitou procurar novas alternativas metodológicas para continuar funcionando durante o período pandêmico. Também foram realizadas parcerias com cozinheiras locais que objetivou o fornecimento de quentinhas para ajudar a combater a fome agravada pela falta de oportunidades de trabalho intensificadas durante a pandemia de Covid-19. O trabalho musical precisou se aliar ainda mais ao trabalho emergencial do combate à fome. É importante aqui salientar que muitas das crianças realizam duas de suas principais refeições no Projeto (café da manhã) e nas escolas (almoço), a interrupção das atividades dessas instituições também significou a instabilidade nutricional, emocional, e ameaçou o desenvolvimento cognitivo e a integridade humana.

A imagem a seguir é de um dos vídeos da culminância das aulas realizadas de maneira remota durante a Covid 19.



**Figura 1:** Apresentação musical no período remoto



Fonte: perfil do projeto no Instagram, link para o vídeo:  
<https://www.instagram.com/p/CD60VnDDNAe/>

A imagem acima é composta por várias crianças tocando diferentes instrumentos musicais em janelas separadas. A música escolhida para a apresentação foi “A Rã” de Caetano Veloso e João Donato. O arranjo do maestro Gilberto Cabral foi pensado para se adequar às necessidades dos alunos, os conteúdos ministrados nas aulas, a disponibilidade de acesso aos equipamentos tecnológicos e as habilidades de manuseio por parte dos alunos/professores.

No início de 2022, as aulas presenciais foram retomadas em outro local dentro da Comunidade da África, um espaço de eventos chamado Casa de Seu Zé. A mudança de local foi desencadeada por três principais motivos: à alta despesa que o Projeto possuía com o aluguel da antiga sede; a necessidade de se adaptarem ao distanciamento social, e; o desinteresse dos proprietários do prédio no aluguel a preço razoável.

Um número reduzido de alunos que estudavam no Projeto durante o ano de 2019 retornaram às atividades presenciais no ano de 2022. Grande parte deles ingressou no Ensino Médio em escolas em outro bairro, outros mudaram-se para outra cidade, e também houve aqueles que atingiram a idade de 18 anos. Sendo assim, as atividades presenciais foram retomadas com um público quase que em sua totalidade de iniciantes. Recomeçar os ensaios da Orquestra da Ilha de Música nessa configuração foi um dos desafios iniciais do momento pós-pandêmico.

## 2 Projeto social, o pedaço e a ação social através da música

Um dos pontos de aproximação entre a Ilha de Música e a Comunidade da África acontece a partir da possibilidade de atuação profissional de pessoas que iniciaram suas

aprendizagens musicais no Projeto. A Ilha é um equipamento cultural, de aprendizagem musical e ao mesmo tempo em que é local de atuação profissional dos moradores do Bairro da Redinha. Esse é o caso dos professores de bateria e violão, Bruno e Erinaldo. Em seu trabalho monográfico de conclusão do Curso de Licenciatura em Música, Erinaldo afirma que iniciou a sua “carreira musical e ‘acadêmica’ dentro da Ong Ilha de Música na Comunidade” (SILVA, 2019, p.15, destaque do autor). O Projeto é um lugar no qual as pessoas podem exercer atividades culturais e profissionais a partir do fortalecimento/reconhecimento como equipamento comunitário.

Ao analisar a partir da ótica da antropologia os espaços de convivência dos bairros periféricos inseridos nos centros urbanos, o antropólogo José Guilherme Magnani (1996; 2003) traz a categoria de “pedaço” para explicar as relações que as pessoas vivenciam/elaboram em suas comunidades. O “pedaço” é uma gíria paulista que foi transformada em categoria social que permite ir além do rótulo superficial de “lugar de perigo” que é geralmente dado a essas localidades. O “pedaço” percebe as relações genéticas das redes de sociabilidade, os sentimentos de solidariedade dos grupos, seus consensos e contradições. Os elementos constitutivos dessa categoria são: a) uma ordem espacial b) que corresponde a uma rede determinada de relações sociais (MAGNANI, 2003).

A ordem espacial e as relações sociais são vivenciadas no “pedaço” em processos múltiplos e complexos (tecidos em conjunto). Nesse contexto dinâmico, a ação dos projetos sociais considera as instabilidades, os conflitos, a elaboração permanente, as negociações e as transações provisórias (KLEBER, 2014). Para Magali Kleber (2014), as relações interativas fazem parte da criação de redes de sociabilidades mediadas não apenas pelas instituições, mas também pelos cotidianos de vivências dos participantes. Para a autora,

pode-se pensar, ainda que nesse processo está também presente um sistema de troca baseado em valores simbólicos e materiais ligados às práticas musicais, extrapolando-as. Estabelece-se, assim, a possibilidade de construir redes de sociabilidade mobilizando motivações internas, consubstanciadas em ações nos diferentes contextos: institucional, histórico, sociocultural e de ensino e aprendizagem musical (KLEBER, 2014, p. 37).

As redes de sociabilidades que mobilizam motivações internas, trazidas por Kleber na citação anterior, nos permitem considerar que o trabalho com Música nos “pedaços” é



baseado em valores simbólicos e materiais. Por isso, ele permeia ressignificações de situações de vida. Aprender Música congrega em si uma dimensão contextualizada com as dinâmicas repletas de disputas vinculadas a posições sociais e econômicas correlacionadas aos agenciamentos de processos de subjetivações inseridas no “pedaço”.

A escolha dessa abordagem para compreender os projetos sociais faz sobressair conflitos articulados entre emergências e demandas vivenciadas nos cotidianos, como a demanda da fome citada no tópico anterior. Isso revela atuações marcadas por dinâmicas que prezam pela “redefinição de novos papéis e espaços de ação, produzindo-se superposições, contradições e convergências” (KLEBER, 2014, p.26).

Ao se instalar como espaço de acolhimento de problemas do seu tempo, os projetos sociais criam uma flutuação instável, ou seja,

o que é central é seu caráter de mobilidade, processo em constante formação, aberto à experimentação, arena para novas práticas de ações sociais e cognitivas. Não estão prontos quando tomam seu espaço histórico. E, não obstante, tenham esse caráter emergente, são fenômenos que se amalgamam com contextos já existentes (KLEBER, 2014, p. 42).

Enquanto espaço emergente de fenômenos dinâmicos, o trabalho desenvolvido pela Ilha de Música demonstra uma igual importância em seus aspectos sociais. Aprender Música no “pedaço” é também uma forma de envolvimento com os espaços de sociabilidade na Comunidade (desenvolvimento profissional, lugar de fazer amizades, local de trabalho, etc.). A aprendizagem musical e o desenvolvimento de práticas sociais são elementos amalgamados, como relatou Kleber na citação anterior.

A palavra social é fundamental nesses contextos, Geoffrey Baker (2021) elenca alguns dos significados vinculados aos projetos que trabalham com a Ação Social Através da Música. São exemplos desses significados: uma característica da interação pessoal; um espaço para socialização; um foco em populações desfavorecidas; uma pedagogia coletiva; um *ethos* público; mistura entre classes sociais; incutir disciplinas e responsabilidades; um projeto urbanístico; um ornamento ao pensamento neoliberal; instrumento para os projetos abrirem as portas para o financiamento, o prestígio e a cobertura midiática; ação; inclusão; mudança; mobilidade; justiça e impacto (BAKER, 2021).



Ao pesquisar o ensino de Música na Rede de Escolas de Música de Medellín, Red, suas aproximações e idiossincrasias com o El Sistema venezuelano, Geoffrey Baker (2021) define a Ação Social Através da Música (Social Action Trought Music, SATM) como categoria analítica para estudar projetos que possuem a inclusão social ou a ação social como objetivo principal. Segundo o autor, a SATM é

um campo centrado na América Latina, onde estão os maiores e mais conhecidos exemplos, mas com fortes laços culturais e ideológicos com a Europa e com alcance global, já que o El Sistema tem servido de inspiração em todo o mundo. O SATM consiste em programas de educação musical com várias características. Eles identificam a ação social (ou termo relacionado, como inclusão social) como o principal ou pelo menos um objetivo importante. Eles colocam grandes conjuntos no centro da aprendizagem – muitas vezes, mas nem sempre, a orquestra. Originalmente, a música clássica ocupou um lugar de destaque e, embora tenha havido alguma diversificação em termos de repertório, em muitos casos ainda o faz. O SATM geralmente é mais intensivo do que a maioria dos programas extracurriculares de música (os alunos intermediários e avançados do El Sistema costumam frequentar diariamente por várias horas ou mais) e a participação é gratuita (ou mais raramente, a baixo custo). Na América Latina, os programas costumam ser de tamanho intermediário a grande, alcançando milhares de participantes, em vez dos milhões que poderiam (em teoria) ser expostos à música escolar ou às dezenas ou centenas em um programa de música comunitária; mas os programas SATM no Norte global são frequentemente menores (BAKER, 2021, p. 5, tradução livre).

O Projeto Ilha de Música possui muitas semelhanças com SATM exposto por Baker na citação anterior, como a utilização de grupos musicais, o foco na ação social e inclusão, com participação gratuita de alcance comunitário. Contudo, é importante salientar que na Ilha não há um foco nem na música clássica e nem tampouco o Projeto desenvolve uma rotina extenuante de atividades musicais que acabam por isolar os participantes do convívio comunitário. Pelo contrário, a Ilha de Música possui atividades que envolvem as famílias, promove as relações comunitárias entre as crianças e outros equipamentos culturais da Cidade do Natal, além de desenvolver ações de meio ambiente, saúde e renda familiar.

### 3 As práticas educativas na Ilha de Música

Interpretamos nessa seção as práticas educativas do Projeto Ilha de Música considerando os aspectos levantados na produção da literatura relacionadas às dinâmicas de sociabilidade no “pedaço” (MAGNANI, 1996; 2003), que estão situadas nas transitoriedades (KLEBER, 2014), e que atuam com base na Ação Social Através da Música (BAKER, 2021).

O Projeto Ilha de Música trabalha com músicas provenientes da cultura nordestina, popular brasileira e afro-ameríndia. Essa escolha não se limita ao repertório ou à técnica musical, mas antes, é base epistêmica que norteia, sustenta e ao mesmo tempo serve como metabolismo para o ensino. Aprender Música na Ilha é também conectar-se a culturas e a processos sonoros comunitários. O repertório, que é grande parte composto por composição dos professores do Projeto, contempla cirandas de roda, marchas rancho, funk carioca, maculelê, coco de zambê, baião, balada pop, samba-reggae, ijexá, etc.

O Projeto possui aulas de teoria musical que não se limitam a ensinar os signos, símbolos e significados da música europeia. É dado pouco enfoque às concepções de ensino da música de concerto (música clássica), no qual a prática é interligada ao domínio da leitura de signos e símbolos consolidados na Europa durante o século XVIII. A música de concerto considera as escalas tonais, distâncias intervalares, ritmos, etc. ou seja, reflete os parâmetros sonoros e sociais europeus (SOUZA, 2020).

No Projeto há uma dilatação, tensionamento e ao mesmo tempo uma instabilidade da SATM utilizada largamente pelo El Sistema (BAKER, 2021). A Ilha de Música baseia-se na oralidade, na gesticularidade, na imitação, na coletividade e na circularidade. A partitura é um suporte a leitura, funcionando mais como referência sonora do que um trilho a ser seguido. Já a imitação e a utilização dos gestos possuem um maior destaque, contudo, elas não possuem símbolos fixos e dependem de uma explicação de significado que são cambiados e recombinaos a cada utilização. A instabilidade e a transitoriedade, ressaltadas por Kleber (2014) estão presentes não apenas nas relações macrosociais dos participantes (situação de insegurança alimentar, dificuldades financeiras, etc.), como também estão no cotidiano das aprendizagens musicais e práticas pedagógicas do Projeto.

Os coletivos ajudam a desenvolver nos participantes um senso de pertencimento e de responsabilidade a partir de tomadas de posições dentro da estrutura do grupo. São

exemplos de posições: novato/novata que ocorre em oposição ao prestígio e a responsabilidade que são demandadas para os mais experientes, chamados de monitores.

As oficinas são separadas por naipes. Cada naipe assiste aula coletiva na semana, e é reunido o grupo de alunos chamado de Orquestra da Ilha nas segundas e nas sextas-feiras. Nas performances, além da apresentação da Orquestra, cada naipe se apresenta separadamente. Nesses momentos, os professores ou monitores de cada naipe são convidados para falar sobre seu instrumento. As imagens seguintes são referentes às apresentações dos naipes de violão e de sopro da Ilha de Música na sede do Projeto Social Conexão Felipe Camarão.

**Figura 2:** Apresentação do naipe de violão



Fonte: Caderno de campo em 29 de ago. de 2022.

**Figura 3:** Apresentação do naipe de sopro



Fonte: Caderno de campo em 29 de ago. de 2022.

As apresentações são realizadas tanto na sede do projeto, quanto nos equipamentos sociais da Cidade do Natal, como teatros, parques, shows, escolas, outras Ongs, etc. A intenção dessas apresentações é ajudar a ambientar os alunos com a performance, expandir os espaços de atuação e fortalecer o senso de coletivo. Aqui é importante destacar que a noção de “pedaço” abarca não apenas o bairro, ela compreende também os espaços de apresentações dos alunos. Os pedaços são os lugares que as crianças transitam, como os palcos, seja eles situados nas escolas da Comunidade da África, ou no Teatro Alberto Maranhão, palco tradicional de apresentações no Rio Grande do Norte que é gerido pelo Governo do Estado do RN.

A coordenadora do Projeto, ao discorrer sobre a relação entre as aprendizagens musicais, as apresentações, a experiência de tocar e a socialização, teceu os seguintes comentários:

dentro do Projeto, além das aulas de instrumento, existem os subgrupos que tem a intenção de ajudar nas práticas musicais de todos os alunos para que eles não fiquem só nas aulas, mas que possam trabalhar em grupo. Isso que é uma das grandes importâncias que a ONG tenta fornecer as crianças e adolescentes que frequentam o espaço. Além do desenvolvimento musical,

essa prática contribui para a socialização entre os envolvidos (Inês Latorraca, entrevista em 23/02/2022).

Aqui a noção de Social, trabalhada dentro da perspectiva da SATM (BAKER, 2021) é dilatada no sentido de compreender não apenas a experiência musical com o morador da Comunidade, como também a ocupação dos espaços culturais da cidade como artista. Nesse contexto, social significa ser artista através da performance nos palcos e do reconhecimento da comunidade. A metodologia de ensino de Música na Ilha compreende a aprendizagem sonora como um aspecto importante dos processos socializadores das crianças. Há, portanto, um entrelaçamento metodológico entre os aspectos da aprendizagem musical, da performance e o viver em sociedade ocupando espaços de visibilidade cultural como artistas.

## Conclusão

O Projeto Ilha de Música consegue promover a convivência social como instrumento de ampliação de possibilidades de se atuar em sociedade. Para crianças e adolescentes que são moradores de bairros considerados perigosos, é importante ocupar o espaço de visibilidade social promovido pelas performances musicais. O conceito de “pedaço” nos permite ampliar esse espaço de convivência para além dos rótulos que geralmente são colocados nos bairros periféricos das grandes cidades.

As relações entre a metodologia empregada nas aulas e o (re)conhecimento dos espaços de convivência da Comunidade é constituinte do próprio significado na construção das práticas da Ilha de Música. Fazer parte do pedaço é vivenciar os espaços culturais como artistas, nos palcos, mas também como morador da Comunidade da África. Ser aprendiz de Música em um projeto social é ser artista e se reconhecer como frequentador de outros “pedaços”, como os palcos e os espaços culturais. Como pesquisa em andamento, se apresenta como possível caminho investigativo para a próxima publicação o aprofundamento nas narrativas dos alunos sobre o que eles consideram o seu “pedaço”, suas expectativas em relação a Ação Social Através da Música e as situações de instabilidades vivenciadas em seus cotidianos.

## Referências

BAKER, Geoffrey. *Rethinking social action through music: the search for coexistence and citizenship in Medellín's music schools*. Cambridge: Open Book Publishers, 2021.

FONTES JÚNIOR, José da Silva. *Ilha de Música: uma perspectiva sobre educação musical em ONGS*. 2018. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

KLEBER, Magali. *A prática de educação musical em ONGs: dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro*. Curitiba: Appris, 2014.

MAGNANI, José. *Festa no pedaço: Cultura popular e lazer na cidade*. 3. ed. São Paulo: UNESP, 2003.

MAGNANI, José. Quando o campo é a cidade. In: MAGNANI, José; TORRES, Lilian (org.). *Na metrópole: textos da antropologia urbana*. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 12-53.

SILVA, Erinaldo. *Ensino de música (violão) em projetos sociais: um relato de experiência na Ong Ilha da Música*, 2019. Monografia (Licenciatura) – Música. Natal, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019.

SOUZA, Luan Sodré. Educação musical afrodiaspórica: uma proposta decolonial a partir dos sambas do Recôncavo Baiano. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 28, p. 249-266, 2020.

